

MULHER E EDUCAÇÃO: O OLHAR DAS PEDAGOGAS SOBRE AS RELAÇÕES DE TRABALHO¹

Michele Gomes de Queiroz²

RESUMO

As questões de gênero estão, historicamente, relacionadas diretamente à educação, sobretudo, quando os sujeitos são protagonistas neste processo, como configura-se a mulher. Procurando evidenciar este discurso, este estudo busca analisar a historicidade da mulher na educação, mas também pontuar como o sistema econômico capitalista influenciou e influencia neste entrelace. Como embasamento empírico da temática, foi realizado uma pesquisa qualitativa por meio de um questionário direcionado a pedagogas onde elas expõem, acerca da temática, suas vivências pessoais e profissionais. Os resultados apontam que recrudescimento feminino tanto nos espaços educativos como profissionais tem ocasionado um reconhecimento social relevante que impactam positivamente na sociedade moderna, em contrapartida constitui-se em alguns impasses pessoais.

Palavras-chave: Mulher; Educação; Trabalho.

INTRODUÇÃO

A elevação do capitalismo, exposto principalmente na revolução industrial, impulsionou não somente a economia, mas também as diversas instituições da sociedade, entre elas, a família.

Por intermédio desse fato, a mulher incorporou-se no espaço público, quando se fez necessário uma maior quantidade de mão-de-obra para desenvolver os papéis na indústria, por isso a utilização não somente do trabalho masculino, mas também, e principalmente, do feminino, devido ser ele uma mão-de-obra mais barata, fator esse vantajoso para o sistema em alta elevação.

¹ Consolidado analítico de um estudo monográfico realizado pela pesquisadora pela Universidade Estadual do Ceará.

² Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT)- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE. michelekeiroz@hotmail.com

É fundamental analisarmos que esse processo de revolução social no qual se posicionou ativamente a mulher foi um fato objetivador do capitalismo. Este se articulou nas ideias de “liberdade” e “igualdade”, aparentemente positivas à sociedade, mas que têm em sua íntegra, unicamente, objetivos lucrativos. Se analisarmos criticamente, notaremos que são necessariamente pessoas “livres” que podem vender sua força de trabalho.

Esse fato modificou as bases estruturais da família tradicional no que se refere ao papel da mulher, pois, até o momento, a mulher desempenhava papéis apenas no espaço privado e com o advento da industrialização, ela começou a ocupar também o espaço público.

Neste contexto, a mulher adentrou os espaços sociais, passando a ocupar timidamente ambientes de espaços formativos e profissionais. No contexto brasileiro, a participação feminina teve mais impacto partir dos anos de 1970, quando houve uma crescente participação feminina no mercado, na sociedade brasileira. Mais uma vez esse fato se deu ao consequente crescimento capitalista. Para ALVES e VIANA (2008, p.9), “somente no século XX as mulheres brasileiras vão conseguir dar passos concretos rumo à luta e pauta de reivindicações feministas; para além da incipiente atuação pioneira de mulheres burguesas e das resistências isoladas de mulheres dos segmentos populares- de escravas libertas, de trabalhadoras, de imigrantes- ainda hoje pouco desvendadas nos estudos históricos entre nós. ”

Assim, os objetivos deste estudo, pautam-se, sobretudo, em evidenciar a posição da mulher na sociedade, no tocante à questão educacional e à profissional e em observar os fatos derivados dessa posição, por exemplo, a dupla jornada e a divisão sexual do trabalho. Assim como fazer um análise crítica-reflexiva sobre o articular capitalista neste processo.

METODOLOGIA

O estudo desenvolve-se pelo método qualitativo de pesquisa, pois se faz uso de suas atribuições, embora seja composta por algumas referências quantitativas, pois estas se fizeram necessárias para uma melhor análise dos fatos, em suma, não se exclui o fato de ser uma pesquisa qualitativa. Assim como defende André:

Posso fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que faço desses dados estarão sempre presentes o meu quadro de referência, os meus valores e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas que eu faço no

meu instrumento estão marcadas por minha postura teórico, meus valores, minha visão de mundo. (1995, p.24)

Utilizando-se de estudo de caso, por meio de questionário, com questões abertas. As perguntas serão direcionadas a seis mulheres pedagogas, com pós-graduações diferenciadas e na faixa etária de 29 a 46 anos, componentes do quadro de servidores efetivos da Secretaria de Educação de Horizonte. Para uma preservação ética na identificação das pedagogas, foram usados nomes de flores para identificá-las. O questionário é composto de dez perguntas abertas subjetivas. Essas perguntas enfatizam procedimentos pessoais femininos, como também profissionais e educacionais:

- 1- Fale um pouco sobre sua história de vida: família, “ser mãe” e trabalho.
- 2- Por que você trabalha?
- 3- Por que escolheu o ramo profissional da educação?
- 4- Ser mulher influenciou ou influencia na sua profissão?
- 5- Como é ser mulher e profissional ao mesmo tempo? Justifique.
- 6- Para você, o que é ser profissional?
- 7- Para você, o que é ser mulher?
- 8- Você continua a estudar? Por quê?
- 9- Sua sequência de estudos foi ocasional ou pretenciosa?

Finalizado o questionário, foram realizados um levantamento e uma sistematização que possibilitaram uma análise empírica da temática exposta.

DESENVOLVIMENTO

Os primórdios da educação feminina se deram de forma elementar e ideologicamente entrelaçada às ideias sociais de submissão. Para Almeida (1998, p.178), os primeiros ensinamentos às mulheres eram voltados para o comportamento privados que incutiam a ideia de que ser mãe e dona de casa constituía-se a principal missão feminina.

Conseqüentemente, mesmo em era de modernidade, a mulher está idealizada ao ambiente privado, enquanto que o homem ao ambiente público. Exposto isso desde a antiga concepção de que o homem se encarrega do sustento econômico do lar enquanto que a mulher se encarrega dos cuidados com os filhos e com a casa. Ideologia típica da sociedade patriarcal.

O fato é que a mulher sempre esteve empenhada ao trabalho. Ainda que no trabalho invisível, não reconhecido e não remunerado. Por esse motivo, não devemos agir como se fosse algo sobrenatural a mulher está estudando e se profissionalizando, já que, desde os primórdios, a mulher desempenha atividades. A diferença está no reconhecimento de sua acessibilidade, mesmo que saibamos que no mercado atual, a essência não é exatamente a mulher, mas na necessidade dessas mão-de-obra para o mercado capitalista.

Com este advento, a participação feminina na educação teve aumento expressivo. Segundo dados do Censo da Educação Superior nos resumos técnicos 2017, (BRASIL, 2017, p.35), “em ambas as modalidades (presencial e à distância), é maioria o sexo feminino. O total de 1.782.412 ingressantes do sexo feminino representa 55,2% do total geral, sendo, especificamente, 53,9% na modalidade presencial e 57,9% na modalidade a distância. ”

Consequentemente, o mercado de trabalho moderno tem abstraído dessa mão-de-obra feminina. Para Antunes, Antunes (2003, p.183), ao problematizar a categoria trabalho, aponta que a inserção da mulher, assim como os jovens, no mercado se constituiu uma das metamorfoses no mundo do trabalho, o qual se configura sob uma nova estrutura capitalista.

Esta crescente seleção mercadológica, aumenta a atuação feminina como também a atuação dos jovens no mercado de trabalho, fato este que contribui para a grave evasão escolar presencial no nosso sistema educativo. Quanto às mulheres, uma exaustiva jornada de trabalho foi assumida. Entre outras “profissões femininas”, podemos citar o caso das professoras:

A insatisfação das professoras com a jornada de trabalho decorre não apenas da dupla matrícula (dupla jornada de trabalho em uma mesma escola ou em escolas diferentes) mas dos afazeres domésticos que assumem quando chegam do trabalho (uma espécie de terceira jornada de trabalho feminino). As professoras são levadas a essa situação não somente pelos baixos salários que recebem, mas porque tem que trabalhar mais e ganhar menos, sem falar que, nos últimos anos, a situação se agravou com o desemprego dos maridos. O magistério era uma profissão feminina, a mulher trabalhando apenas em um turno para, depois, “cuidar da casa”. E, de repente, se inverteu o papel da mulher na sociedade, ela passou a ter que compor a renda familiar. (CORRÊA,2000, p.125)

Portanto, no contexto contemporâneo, a mulher ampliou seus horizontes, profissionalizando-se, ou seja, incorporando-se ao trabalho visível (público), único trabalho reconhecido no sistema capitalista. Adaptando-se ao sistema, as mulheres procuram capacitar-se profissionalmente, mas não estão totalmente desligadas do trabalho invisível. Deste modo, dobram suas tarefas já que precisam cumprir dois trabalhos: o trabalho social e o trabalho doméstico. Constitui-se o caso das pesquisadas deste estudo, onde observaremos com melhor precisão posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pedagogas demonstram vivenciar realização profissional, por isso e para isto persistem na formação contínua, no entanto, alguns percalços são encontrados por estas profissionais que se desdobram no articular de múltiplas tarefas.

Observa-se que o mais significativo para essas mulheres é a deficiência que sentem por se ausentarem parcialmente da administração do lar, mas, principalmente, a distância dos filhos. Este é um fato relevante na análise dos questionários, pois todas essas mulheres sentem dificuldades, sentimentos dolorosos, por se ausentarem dos filhos, desde a infância como também nas outras etapas do crescimento deles. Margarida, uma das pedagogas entrevistadas, discorrendo sobre sua história de vida, frisa sua realização profissional, em contrapartida, as consequências em sua vida pessoal:

O lado família se tratando de “ser mãe” e trabalho é hoje complicado para mim, sempre fui muito dedicada ao que faço enquanto profissional e nunca soube conciliar o outro lado “família” (filhos). Sempre dependi muito da ajuda de minha mãe, para com as minhas filhas e isto era o que me confortava. Do outro lado, sentia-me um tanto constrangida por achar que não era mãezona, que não tinha tempo de participar e acompanhar dos momentos delas em que a minha presença era de fundamental importância. Acredito que ser mulher profissional, deixa muitas lacunas no lado mulher “mãe”.

Outro exemplo exposto é o de Rosa, citando o início de sua experiência profissional, enfatiza:

Em 1987, casei e parei de estudar achava que não ia ser mais preciso estudo, pois tinha um marido que me dava de tudo. Com o passar do tempo percebi que tinha minha própria vida, pois precisava de algo a mais. Voltei a estudar e após quatro anos de casada tive minha primeira filha, continuei os estudos, mesmos com as dificuldades e contra a vontade de meu marido.

Rosa cita que sentiu dificuldades, isso porque tinha uma filha pequena, além de enfrentar a “contra-vontade” do marido em permitir que ela estudasse e, posteriormente, trabalhasse, ainda assim, Rosa enfrentou as situações e, hoje, tem mais de 23 anos de trabalho educacional. Para Muraro (2001, p.72), “os homens bem-sucedidos tendem a ter muito apoio de suas esposas, em casa, enquanto que as mulheres bem-sucedidas sofrem exatamente o contrário: a crítica e muitas vezes o afastamento de seus maridos, enquanto aumenta seu trabalho doméstico (dupla jornada)”, concluímos o quanto é difícil para as mulheres conciliar o tempo, edificando suas vidas profissionais como também o ambiente familiar.

Ao indagá-las sobre o porquê de trabalharem, foram unânimes em afirmar o gosto pelo trabalho, pelo amor à profissão. Lembremos que a profissão atuante dessas mulheres se trata da

Educação, ou seja, ramo profissional historicamente feminino, por isso a identificação, “é uma missão”, afirma Flor-de-Liz, defendendo veementemente a educação, entrelaçando suas palavras às citações de Paulo Freire:

“Costumo dizer que estar na educação, seja lecionando, coordenando ou orientando é uma missão. Se não tivesse escolhido a educação, estaria em outra área com criança, adolescente, gente! Como dizia Paulo Freire estar com gente é inexplicável.”

Como se diante de todos os obstáculos, principalmente diante das precariedades da educação, ainda assim, este trabalho fosse algo incitante em suas vidas, as levando a acreditar e a se doar constantemente para o desenvolvimento das melhoras educacionais. Assim como defendido por Freire (1996, p.37) quando revela que “ensinar exige alegria e esperança”. Essas pedagogas, portanto, renovam-se na defesa de uma mudança da sociedade também causada pelas suas próprias práticas pedagógicas. Quando questionado a elas o motivo da escolha educacional como profissão, Azaleia, responde:

“Porque me identifico e porque acho que a educação ainda é a porta principal para o sucesso do ser humano.”

Concluimos que essa “porta principal”, citada por Azaleia, configura-se na esperança e na convicção de que a mudança é possível, defendidas por Freire. Nesse sentido, ele defende, incessantemente, que o educador e/ou a educadora lute e acredite nas mudanças educacionais, portanto, sociais.

Mesmo numa articulação “romântica” apresentada por essas mulheres ao se envolverem no trabalho, não se pode deixar de ser observada a satisfação dessas mulheres quanto ao retorno financeiro. Margarida, por exemplo, refere-se à sua profissão como a “tão sonhada independência”.

Acho de fundamental importância para todas as mulheres sua independência financeira, para minha instabilidade e tão sonhada independência, trabalho e muito me realizo com o que faço.

Essas pedagogas sabem reconhecer e se adequarem aos processos seletivos do mercado. Todas foram enfáticas em defender a importância da formação contínua para profissionais. Sobre a temática, Violeta responde:

Estudo para que algo de bom continue, pois a sabedoria é fundamental para o ser humano. Ingressei nos estudos com cinco anos de idade, hoje, já fiz Pedagogia, História, especialização e estou estudando para fazer um mestrado e quem sabe doutorado.

Verifiquemos, com esta breve investigação, que a mulher, que em outros tempos “escondia-se dentro de uma cozinha”, atualmente, qualifica-se para o mercado de trabalho, disputando espaço com o homem, embora, como já analisamos, sob as intenções capitalistas.

Num entanto, esta qualificação educacional e atuação profissional, se por um lado, lhes traz satisfação profissional, em contrapartida, traz consequências insatisfatórias para estas num sentido pessoal, como na distância dos filhos. Para MURARO, (2001, p.72), “quando as mulheres são obrigadas a entrarem no mundo do trabalho, ficam divididas entre o sucesso e a felicidade. E muitas das vezes sabotam o seu próprio sucesso porque temem que esse sucesso, que é a validação de sua personalidade pública, venha a empobrecer o seu ego privado. Por isso o fato de ela tradicionalmente pertencer ao domínio privado torna a sua divisão mais aguda do que a do homem.”

Deste modo, a mulher convive num paradoxo mental: ao mesmo tempo que querem realização profissional e investem na formação continua, não conseguem se desligar do ambiente privado, e isso se caracteriza numa repressão que inclui ideologias e sentimentos e na árdua dupla jornada de trabalho. PATTI (2004, p.77), psicóloga e psicanalista, realizou uma pesquisa entrevistando algumas mulheres, nesta ela revela que “a formação superior, não garante a qualidade de vida, nem mesmo uma atuação profissional competente, nem garante uma integração social sadia se as questões subjetivas (inconscientes), que perturbam, trazem sofrimentos ao trabalhador (a), não forem elaboradas adequadamente.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Articulado aos interesses capitalistas, a mulher ocupou-se e mantém no mercado de trabalho, como meio para esse processo, ela utiliza a instrução educacional. Esse fato tem proporciona à mulher uma desejada realização profissional, em contrapartida, tem lhe causado insatisfações sentimentais pelo afastamento de seu ambiente privado, sobretudo, pela distância de seus filhos. No entanto, diante das consequências pessoais e das modificações na estrutura social, sobretudo na família, causadas pela participação social da mulher, esta tem se feito cada vez mais nítida e precisa na sociedade contemporânea, agora, não “somente” idealizada ao ambiente privado, mas necessária ao desenvolver das atividades públicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível*. São Paulo: UNESP, 1998.

ALVES, Maria Elaene Rodrigues; VIANA, Raquel. **Políticas para as mulheres em Fortaleza: Desafios para a igualdade**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas, SP, Cortez, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Resumos técnicos. Disponível em: <http://inep.gov.br/web/guest/resumos-tecnicos1>. Acesso em 23 de set. de 2019.

CORRÊA, Vera. **Globalização e Neoliberalismo: o que isso tem ver com você professor?** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MURARO, Rose Marie. **Os seis meses em que fui Homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

PATTI, Elci Antônia de Macedo Ribeiro. **O que pode uma mulher/ sexualidade, educação e trabalho**. Franca: UNESP-FHDSS, 2004.